



GT 07. Antropologia da Técnica

Coordenador(es):

Jeremy Paul Jean Loup Deturche (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Júlia Dias Escobar Brussi (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Emanuel Sautchuk (UnB)

Sessão 2

Debatedor/a: Eduardo Di Deus (UNB - Universidade de Brasília)

Sessão 3

Debatedor/a: Fabio Mura (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

A 4ª edição deste GT busca dar continuidade às reflexões e discussões iniciadas na 29ª RBA, além de seguir contribuindo para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. Quando tratamos de técnica no sentido maussiano, como « ato tradicional eficaz », é necessário, seguindo Sigaut, sempre lembrar que não temos acesso direto às técnicas em si. O que vemos são pessoas fazendo coisas. Nesse sentido, este GT tem um interesse particular nas mais diversas práticas e fazeres, que implicam na interação entre humanos e não-humanos (artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral) e envolvem habilidades, escolhas, hierarquias e transformações. Tais fazeres parecem ser uma chave importante para o entendimento das diferentes formas de se « estar no mundo », não dentro de uma ótica estritamente materialista, mas na perspectiva da produção de conhecimento, ou do habitar o mundo. A partir de uma abordagem dos processos técnicos se busca apreender como « se pensa com a mãos » e refletir sobre esses fazeres em sua dimensão social, inseridos em composições sociotécnicas e políticas complexas. Considera-se, assim, de grande relevância os trabalhos que dialoguem com essas temáticas e que privilegiem aspectos etnográficos e análise descritivas de processos técnicos.

O drama do VAR: transformações técnicas na figura do árbitro

Autoria: Victor Ramos Freire (UNB - Universidade de Brasília)

Este artigo busca revisitar certos dados e reflexões colhidos e produzidos outrora, com o intuito de produzir novas chaves e análises a luz de outras contribuições bibliográficas, metodológicas e etnográficas. O tema a ser revisitado é a introdução e regularização do árbitro de vídeo (ou VAR, sigla em inglês para video assistance referee) no futebol profissional a partir da Copa do Mundo de 2018 na Rússia até sua introdução plena no Campeonato Brasileiro de 2019. O foco desta ampla temática será nos dados já colhidos durante o período da Copa de 2018 para meu primeiro work sobre o VAR, no qual escolhi adotar a divisão de Toledo (2000) ? profissionais, especialistas e torcedores ? com o principal objetivo de colocar em perspectiva a diversidade de opiniões destes grupos em torno da tecnologia do árbitro de vídeo e suas apropriações pelos diferentes grupos. Isso foi possível por meio da análise de documentos, de mesas-redondas transmitidas na televisão (aberta e fechada) e mediante opiniões e reações de torcedores que acompanhavam a Copa em estabelecimentos de Brasília. Há também dados mais recentes como textos opinativos da internet, debates em mesas-redondas e algumas situações de jogo onde o VAR foi acionado. A partir desta revisitação e deste levantamento de dados, buscarei novas leituras e proposições teórico-metodológicas, me embasando, principalmente, em uma bibliografia selecionada do campo que se convencionou chamar de Antropologia da



Técnica. A proposta aqui é colocar em diálogo um amplo escopo de autores com o intuito de estabelecer uma conexão desta temática com a Antropologia da Técnica. O primeiro passo é uma reflexão a partir da relação da introdução do VAR e das modificações e readaptações que ele causa. Isto será focado com o conceito de drama tecnológico (PFAFFENBERGER, 1992), para entender discursos, contra-discursos e valores que compõem a problemática. Em seguida, retomo os dados e os debates teóricos de outros works para estabelecer uma discussão mais propriamente etnográfica da relação entre televisão, futebol, arbitragem e VAR. Aqui me apoiarei em Blociszewski (2001), Sautchuk (2014) e Freire (2019).



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: